RAÍZES

POEMAS

Roseana Murray

PINTURA

Silène Sarah S. Bohadana

Residência no ar edições digitais - 2021

Roseana Murray

Tive vontade de escrever sobre minhas raízes. Meus pais e avós vieram da Polônia na década de 20, eram judeus.
Mas queria falar do eco destas partidas, do que deixam os que saem de suas casas, dos seus países, para recomeçar a vida.
Não por aventura, mas por desventura.
Meus poemas encontraram as pinturas de Silène S.Bodahana e elas dizem o que faltava dizer.

Silène Sarah S. Bohadana

Nasci no Rio de Janeiro.
Desde criança fui banhada com música e Arte. Minha mãe cantava e meu pai ouvia muita música; clássica e popular. Meu sonho era dançar. A vida me levou para outras estradas. Comecei a desenhar e também descobri o Museu de Arte Moderna. Fomos morar na França e nesse período continuei a minha jornada com o desenho e pintura acrílica. Atualmente vivo em Jérusalem. Continuo a me dedicar a essa experiência única , a criação de imagens .

Statement
A Natureza. Toda essa riqueza magnifica carrega em si muito mistério e beleza. As árvores são um desses mistérios.
A mensagem de força que elas transmitem.
A dança das linhas formadas pelos troncos e galhos.
Esse trabalho é uma pequena homenagem a essa" Criação" perfeita.

Técnica: acrílica sobre gaze

Apresentação

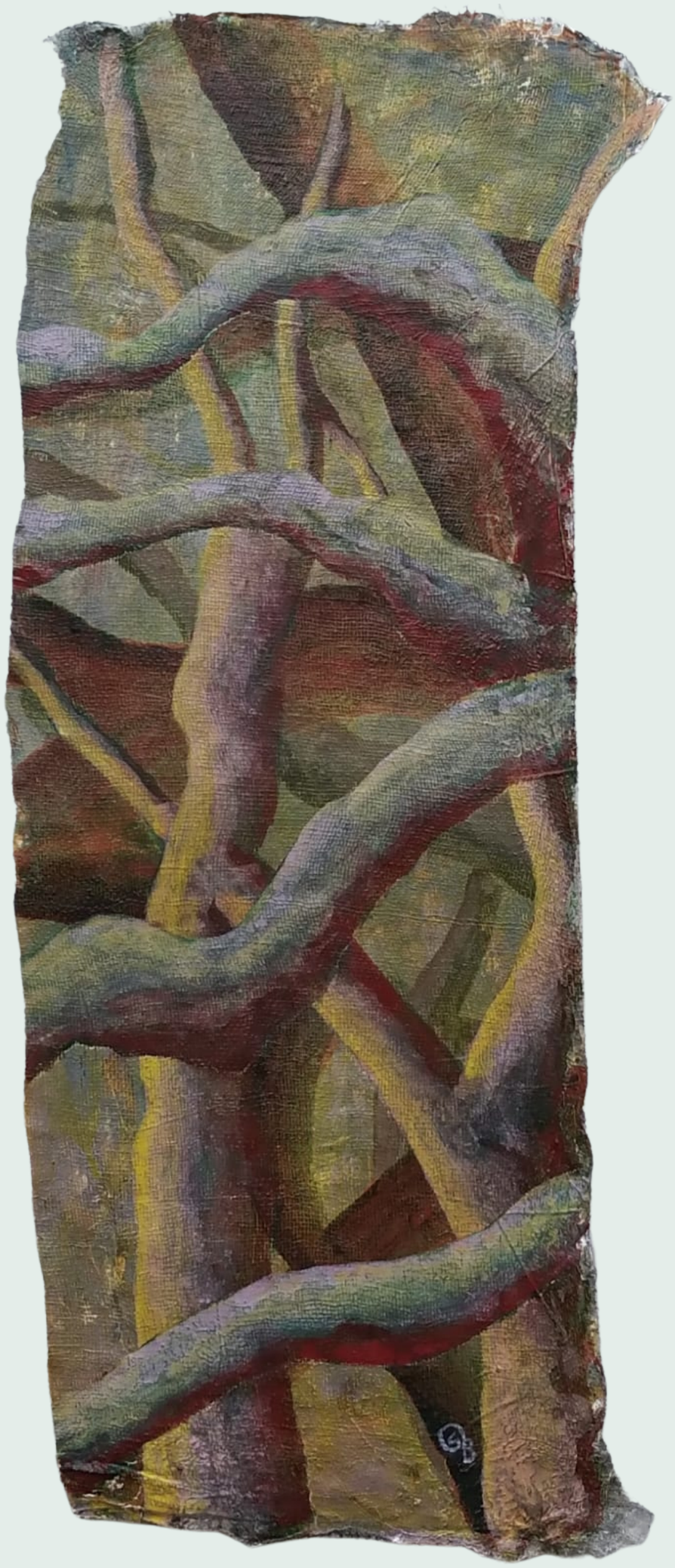
Os poemas de RAÍZES são repletos de nostalgia, de lágrimas, mas suaves. Os terríveis, trágicos acontecimentos surgem em uma palavra solta, uma alusão, maletas de madeira, um quintal abandonado. A dor de cada um é microscópica na grande História. As árvores são como os poemas, assim os vejo: a eternidade no dia a dia, no jardim, na paisagem.

Quase vemos a poeta mergulhando, mergulhando, como se deslizasse no fundo do mar, cada vez mais fundo, mas é no fundo do tempo. Captando fragmentos de objetos, cenas, vozes, às vezes ruídos desconhecidos. O que acho lindo é a impressão (muito forte) de que estas pessoas estão vivas, vivendo suas vidas cotidianas como sempre viveram, nesse exato momento, em algum lugar do Tempo.

São poemas do Eterno Retorno...

Marici Passini, escritora.

RAÍZES



As mãos são como raízes,
que buscam bem longe,
na terra úmida de lágrimas,
outras mãos que cantam
ao entardecer, que acendem
velas, que acendem
memórias adormecidas,
que falam com as minhas.

ALDEIA

A luz que atravessa
o dia e o corpo
das árvores aqui e agora,
é a luz
que minha avó
varria junto com as folhas
do pátio,
numa rua distante no tempo,
feito um eco,
num país distante.
Junto com as folhas,
aquela aldeia ainda existe
por trás dos meus olhos,
dentro dos meus ossos,
desde que nasci.

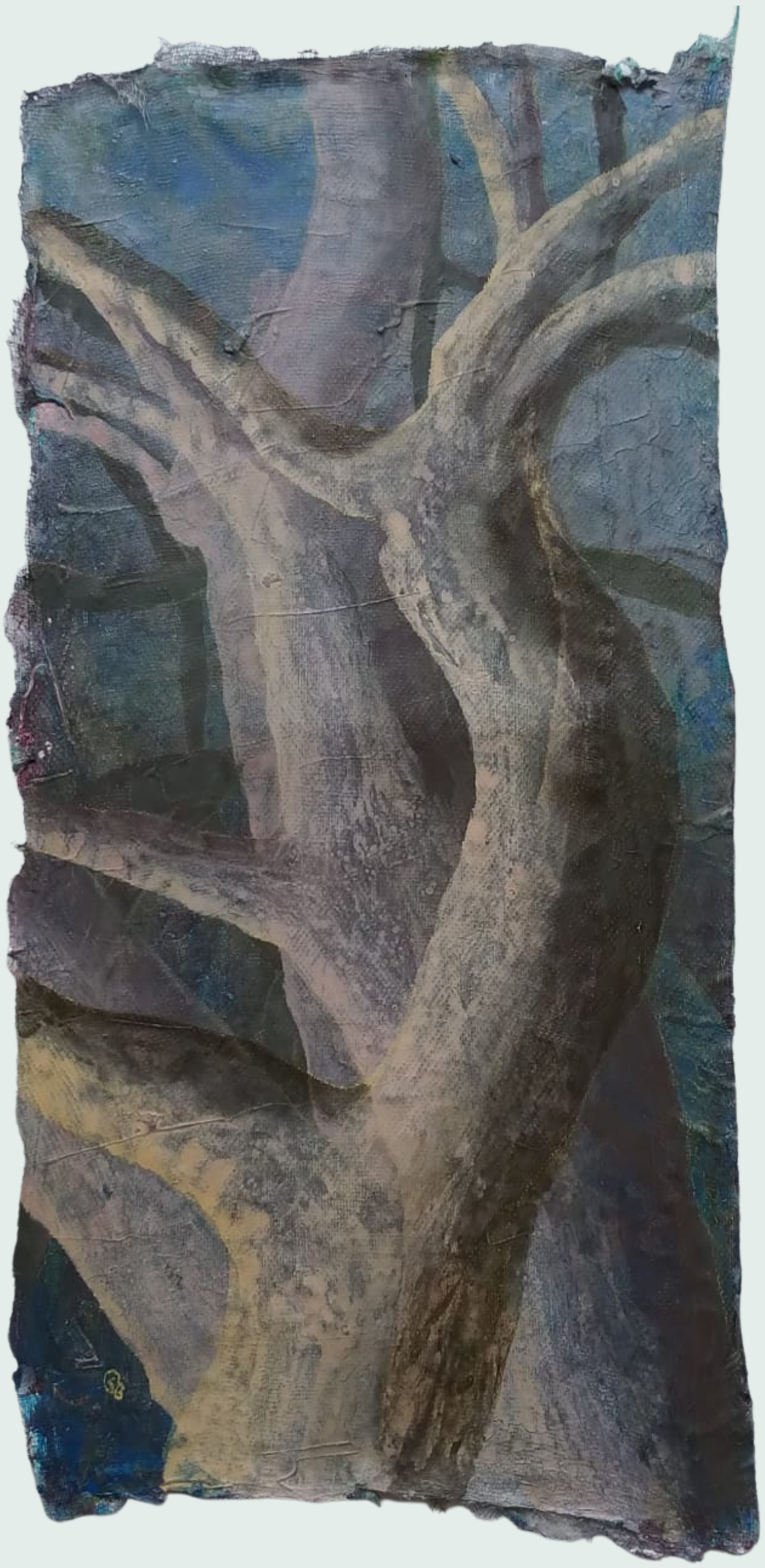
ARQUEOLOGIA

Raízes atravessaram
séculos e oceanos,
parecem imóveis
e adormecidas,
mas basta o som
de um violino no telhado,
as notas musicais
de um galo arranhando
um resto de noite,
para que se movam,
revirem as camadas
de memórias enterradas,
a arqueologia dos desterros
que nasceram de novo
junto comigo.

NAVIOS

Além das árvores
cultivo navios no jardim.
Verdade
que estão soterrados
por camadas de tempo,
mas em alguns dias,
em horas de espanto,
posso ouvi-los rangendo,
com sua carga de gente
desterrada, fugitiva,
com alguns poucos
pertences:
filhos, candelabros,
um livro sagrado,
sonhos e medo.

ALGUM MAR



Então aportaram
aqui e ali,
com suas estrelas,
maletas de madeira,
algumas roupas dobradas
e palavras, frases, prantos
em língua estrangeira.
Alguma terra grudada
em suas raízes,
algum mar.

GENEALOGIAS

No emaranhado
de genealogias,
mapas, barcos,
casas abandonadas
às pressas, portas
que se fecharam
sem ruído,
para que outras
pudessem se abrir,
alguém que não conheci,
talvez tivesse a cor
dos meus olhos.

ORAÇÕES

A casa da avó
era solo sagrado,
era sempre crepúsculo
era sempre mistério.
A avó caminhava
com passos miúdos,
às vezes parecia árvore,
firmemente amarrada
em suas raízes, outras vezes
um passarinho
que coubesse na palma
da mão.
Sussurrava orações.
Era a sua maneira
de fazer silêncio.

TESTEMUNHAS

Testemunhas silenciosas
de tantas histórias humanas
que não cabem
em minhas memórias,
árvores distantes,
em povoados perdidos,
me atravessam,
me visitam, quando,
no meio da luz,
alguma sombra
também me atravessa,
e feito música quase
apagada,
parece que então
me lembro.

PEDRA PRECIOSA

Antes de mim
uma corrente de mulheres
limpando a casa, trançando
o pão, acendendo as velas,
murmurando orações,
acalentando perdas e filhos.
Quanto espaço-tempo,
mar atravessado,
encontros-desencontros,
partidas e chegadas,
para que eu nascesse,
e guardasse como pedra
preciosa, as raízes.

PRESSÁGIOS

Vigio os presságios
como um faroleiro
numa ilha deserta
vigiava o horizonte.
Vigio as árvores
desnudas para saber
a gestação da primavera.
Em todas as línguas
chegam
no endereço certo,
as cartas do destino.

NÔMADES

Então houve um tempo
em que éramos nômades,
vagávamos de país em país,
num eterno recomeço.
Ouço o ruído de pés ,
os suspiros, os alinhavos
na roupa para guardar
alguns tesouros,
(a agulha quando perfurava
o pano, medo-esperança-dor).

PEGADAS

Meus passos
sobre as pegadas,
sobre os ponteiros
dos relógios,
sobre a marca
que não se apaga,
as canções, os cheiros,
o medo,
o amor desdobrado
nas tarefas que fabricaram
casas, aldeias, roupas,
que plantaram, colheram,
de muito longe escuto
suas vozes desaparecidas.

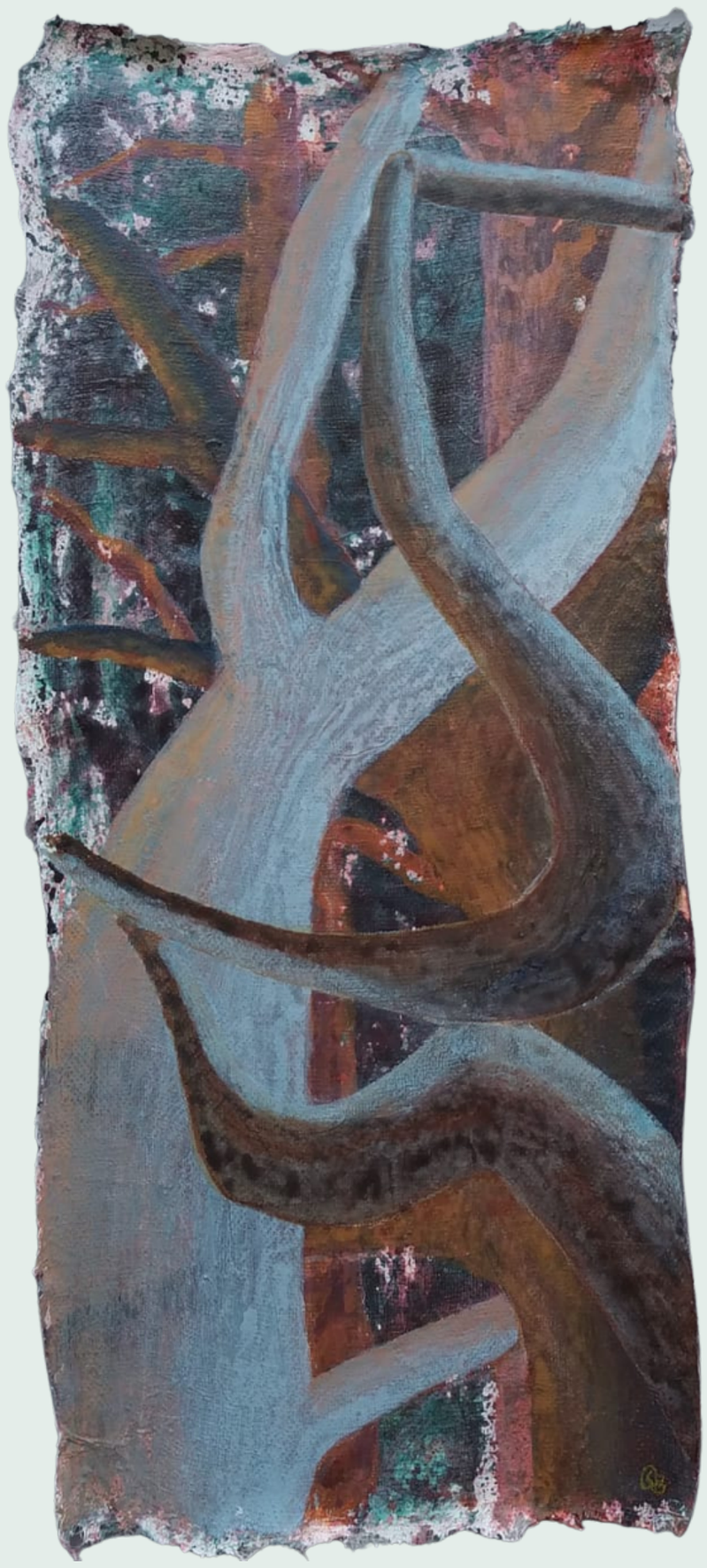
INVERNO

Pelas frestas fugimos,
voamos,
até onde nosso coração
alcança.
Num bosque, num lugar
que não aparece nos mapas
ou em fotografias,
as árvores se desnudam
para um longo inverno.
Fazem ainda mais silêncio,
dormem.

UMA GOTA DE MAR

O que sei é tão pouco,
uma gota de mar,
palavras que catava
na infância, aqui e ali,
um tio ceramista,
um avô que tocava
violino, a avó
que trançava o pão.
Guardei as palavras
com cuidado,
para desamarrá-las
hoje, num outro século,
em cima da mesa.
São tão poucas,
como sempre-vivas
ou claves de sol,
costuram os versos
do poema.

LÁGRIMAS



O que se leva
quando se foge,
a aldeia amarrada
nos pulsos?
Seus cantores,
violinistas, o rio que
dizia o tempo,
as árvores
e seus sussurros?
No balanço do navio
lágrimas escapam
para o mar.

PONTE

Vigio as estrelas
de dentro deste século,
as vivas e as mortas
se misturam em meu olhar.
As horas se misturam
em meu corpo e os dias
e as noites.
Para alcançá-los,
os que vieram e partiram,
os que deixaram
em minha pele
os seus sinais,
bastaria construir
uma ponte
entre os seus sonhos
e os meus.

CORAGENS

Na mais densa escuridão,
na luz mais fulgurante,
posso vê-los
em seus afazeres,
numa outra língua,
em suas orações.
Posso tatear seus medos,
o relógio em suas veias,
suas coragens amarradas
num feixe,
na hora da partida.

ESPELHOS

Porque foram nômades,
desterrados, fugitivos,
porque foram expulsos,
acolhidos,
e fizeram filhos,
os filhos fizeram filhos,
e agora, silenciosos,
nos olham, do outro lado
do espelho.

FOLHA EM BRANCO

Como se numa folha
em branco se derramasse
um mapa do tesouro,
e é preciso desvendar
esse ouro desamarrado,
assim as raízes se arrumam,
se desarrumam,
as das árvores
debaixo da terra,
as dos humanos
no fundo da memória,
para buscar dentro da água
turva, a água clara.

HORÁRIOS

Estrelas e relógios
marcam o horário
das partidas.
Enquanto dura a viagem,
medo e coragem oscilam
junto com o mar.
Para além da linha
do horizonte
há uma cidade
ainda invisível,
uma rua, uma casa,
onde, no futuro,
o pão e o vinho.

O AVÔ

O avô comia um prato
de cebola crua em silêncio.
Em seguida, um prato
de sopa sem colher,
como se fosse xícara,
desafiando qualquer
equilíbrio,
a avó a um passo atrás,
(eu olhava do umbral
da porta).
Depois, despedaçava
o frango que fora morto
no quintal da casa,
agora cozido,
servido
com batatas.
Uma batata pode salvar
uma pessoa da fome,
ele dizia...
Com seu homem saciado,
minha avó sentava e comia
tão pouco, o olhar perdido,
em que terras, florestas?

LUVAS DE RENDA

Talvez tivesse que usar
luvas de renda
para afastar as teias
do tempo,
espanar a poeira
dos retratos mudos,
para ouvir o que não vivi.
Nos arredores da aldeia
uma carroça avança
carregando um homem,
uma mulher, partem
por dentro da névoa,
um bosque
ainda adormecido já fica
para trás.
Ouço seus pensamentos
entrelaçados
e o ranger das rodas
sobre o chão de terra.

MORINGA

Pouco a pouco
se avança nas escavações,
com cuidado,
para não quebrar
as vozes dos que só vivem
na memória.
Talvez apareça os restos
da moringa,
onde, na volta do poço,
se despejava a água
que brota da terra.

ESTRADAS

Não é um caminho
de pedras, de terra,
de água.
São escarpadas
as estradas da memória,
às vezes se encontra
um fragmento e se avança
um passo e se adivinha
a manhã nascendo
nos olhos
de um antepassado,
seus gestos, seu riso,
suas lágrimas.

BORBOLETA

Uma palavra se desdobra
em outra
e borboleta que voasse
atravessando o tempo,
até chegar numa língua
estrangeira,
a que falavam em volta
da mesa,
nas orações e durante
o dia, no mais simples
cotidiano, guardei essa
melodia.

RIZOMA

Para falar de raízes, rizomas,
troncos
e folhas,
entro num bosque
de árvores e pessoas.
Dentro dos meus ossos,
nas minhas palavras,
meu sangue,
suas vidas ecoam.

ESQUELETO E PALAVRAS

As árvores me ensinam
paciência e imobilidade,
mas suas raízes trabalham
debaixo da terra, falam
umas com as outras
e assim aprendo e deixo
que minhas raízes alcancem
o inalcançável,
o eixo do que me constitui,
esqueleto e palavras.

MÚSICA E PERFUME

A chuva chega de mansinho,
como às vezes as lágrimas
ou a clara alegria,
é tão vasto
o país da memória
e do esquecimento.
A chuva faz sulcos na terra,
fabrica música e perfumes,
as árvores parecem abraçar
o céu.

MEU PAI

Meu pai me disse,
um raio de sol
era como uma moeda
de ouro.
O frio era tanto naquele
país distante.
Meu pai me disse
que seu pai foi assassinado
na porta de casa, na frente
dos filhos, naquele país distante.
E era como se eu lesse
um conto.

CASAMENTO

Na ponta dos pés vigio
a noite,
o perfume da lua,
espelho de amores
há muito desaparecidos.
Num tempo antigo
os casamentos eram arranjados,
assim se casou minha avó
materna, Feigele,
e no entanto passeavam
de mãos dadas, já no fim
da vida, ela e o avô calados.
Nunca olhei os rios
das suas mãos,
sei que eram navegáveis.

sinos

Feito um sino
que de longe
anuncia não se sabe
o que
ou pequenas gotas
de chuva
quando caem na relva
macia,
assim me chegam
as suas vozes
na penumbra,
posso escutar
seus afazeres,
um era alfaiate,
o outro violinista
e cantor, outro lenhador,
elas cuidavam da casa,
acendiam as velas,
cerziam, varriam,
trançavam o pão
e a infância dos filhos,
todos rezavam, agradeciam,
pediam, pronunciavam
o nome dos mortos,
numa corrente que nunca
termina,
mas não sei seus nomes,
posso apenas imaginar
as suas vidas
que se desdobraram
na minha.

sementes

Quantas sementes
trouxeram na bagagem,
quantos sonhos
nas linhas da mão?
Aportaram aqui
com a minha vida
embutida
em seus corpos
cansados de tanto mar.
Lavraram a casa,
pouco a pouco as horas
se acumularam
por sobre os móveis,
esconderam pedaços
da história nos desvãos,
e a saudade de quem
ficou do outro lado
da fotografia,
numa país perdido.
Eu já estava assinalada
num mapa do futuro,
tão longe do navio,
tão perto?

assista ao vídeo

FICHA TÉCNICA

RAÍZES

Poemas
ROSEANA MURRAY

Pintura
SILÈNE SARAH S. BOHADANA

Apresentação
MARICI PASSINI

Projeto Gráfico
JIDDU SALDANHA

ISBN nº 978-65-992425-9-5

Residência no ar edições digitais - 2021